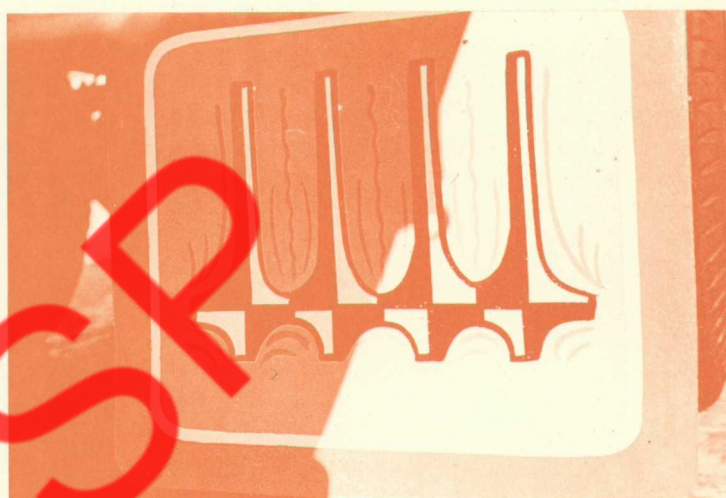
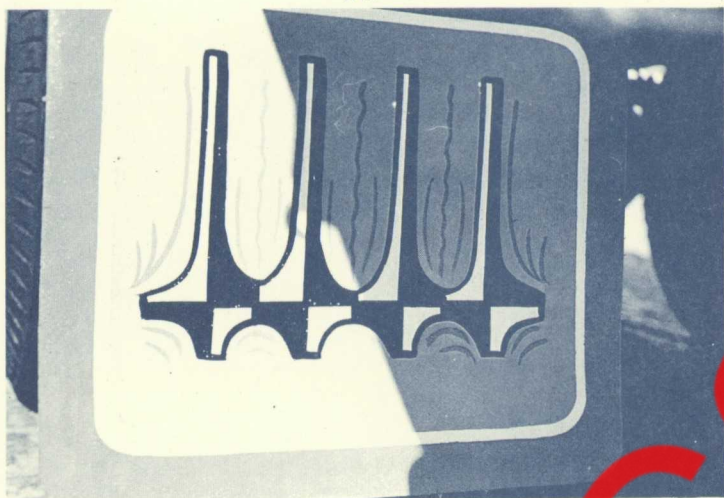


A VINHETA BRASILEIRA DA MODA AO LOGOTIPO SIGNO EMBLEMÁTICO

(71)



Uma nova Vinheta, a Vinheta do novo. Os arcos do Palácio Alvorada em Brasília, que hoje simboliza, além de um novo conceito de cidade-capital, a arquitetura brasileira que desmistificou, neste século, o conceito universal e histórico de que a Arte, ao nível oficial, sempre deveria permanecer acadêmica.

A prática do uso, já assimilou a forma das colunas do Palácio, pela sua disposição gráfica de friso e configuração ornamental que o envolve. Essa Vinheta arquitetônica estabelece ali a recordação e o símbolo imediato e informante. Aliás, segundo parece, essas colunas na sua linha achatada que lhe permite uma mobilidade de aplicações, não têm nenhuma função tecnicamente estrutural pretendida pelo arquiteto, o que a faz plenamente disponível para uma situação visual exaustiva. Podemos encontrar essa mesma forma, agora alegórica, intercalada, em fachadas de casas modestamente construídas nas cidades brasileiras de interior.

Recriação e homenagem a Brasília. E inevitavelmente, também no campo do devaneio popular, em objetos vários, de lembranças turísticas ou de impressos promocionais que tratam do mesmo apelo.

Arcos entrelaçados que são murmúrio ao mesmo tempo eloqüente e sóbrio da renda, do artesanato, treliça de espaços envolventes, nossa maneira cultural e singela de tecer com traços as linhas do possível infinito. Inspiração algures barroca, outra característica do horror ao vazio*. É a arquitetura no Brasil, nas curvas que são o repouso da distância para não se quebrarem no ritmo. São as Vinhetas nas carroçarias de caminhão e no Palácio da Alvorada, destino gráfico na escritura de retas em expansão ou em curvas que convergem no gesto erudito de um pincel, mestre da caligrafia.

A Vinheta novamente contemporizando com a arquitetura, dela dando informação e enriquecendo o repertório dos vinhetistas. A Vinheta brasileira.

* W. Woriinger ("Abstraktion und Einfühlung") lembra que o horror dos espaços vazios, a que chama "agorafobia espiritual", se faz igualmente notar na arquitetura egípcia: "Por inumeráveis colunas sem função construtiva, procurava-se destruir a impressão do espaço vazio e dar aos olhos desamparados garantias de apoio." (72)

(71) VINHETA BRASILEIRA

(72) Citado por Carlos da Cunha. Os dois vazios, em Colóquio Artes, 1972.